



BIBLIOGRAFIA

- S. Bento de Núrsia, *A Regra dos Monges*, Edição comemorativa dos sesquimilenário do nascimento de São Bento (480-1980) Latim/português, Edições "Lumen Christi", Rio de Janeiro, RJ. 1980.
- NESMY, D. Claude Jean, *St. Benoît et la vie monastique*, Collections Microscope, Ed. Du Seuil, Paris, França, 1989.
- BUTLER, D. Cuthbert, *Benedictine Monachism*, Longmas, Green and. Co. Londres, Inglaterra, 1924.
- COLOMBAS, Garcia M. e ARAGUREN Iñaki. *La Regla de San Benito*, Biblioteca Autores Cristianos, Madri, Espanha, 1929.
- NIGG, Walter, *Vom Geheimnis der Mönche*, Artemis-Verlag, Zürich/ Stuttgart, 1953.
- Forster, Leonard, *The Penguin Book of German Verse*, Penguin Books Ltd., Middlesex, Inglaterra, 1957
- KER, W.P. *The Dark Ages*, The New American Library of World Literature, Inc. New York, USA, 1958
- ECO, Umberto, *Arte e Beleza na Estética Medieval*, editora Globo, S. Paulo, SP. 1989
- Bingen, Eine Chronic*, Chronic-Verlag, Wiesbaden, Alemanha, 1970.
- UNDERHILL, Evelyn, *Mysticism*, Doubleday (Image Books), Londres, Inglaterra, (ISBN0-385-41631-8)

Endereço do Autor:

Caixa Postal 1240
88010-970 Florianópolis, SC



INTRODUÇÃO À ECLESIOLOGIA

Salvador Pié i Ninot

Verbo Divino, Estella, Espanha, 1995, 145p. 25 x 33 cm.

Até o século XX praticamente não houve um tratado sistemático-dogmático sobre a Igreja. Durante muito tempo a Igreja teve "receio" de *falar sobre si mesma*, embora tenham acontecido tentativas apologéticas a partir do século XVI, precipuamente com a Reforma Protestante. É somente na perspectiva do Concílio Vaticano II que a Igreja definiu-se a si mesma, de forma especial na constituição dogmática *Lumen Gentium*.

Salvador Pié-Ninot, teólogo espanhol, apresenta breve sistematização sobre a eclesiologia católica, desde o contexto implícito da mesma nos sacramentos, no direito, na história da Igreja, até a dimensão "povo de Deus", própria do Vaticano II. De fato, o autor, em sua obra *Introdução à Eclesiologia*, já na introdução salienta que a Igreja é *mistério*, uma realidade única e complexa, análoga ao mistério do Verbo encarnado, como lembra LG 8. Da mesma forma é preciso ter presente a necessidade de superação do falso dilema: "Cristo sim, Igreja não", na tentativa de compreender como Deus Trindade continua se revelando na Igreja.

A obra é compilada em seis capítulos: o primeiro trata de alguns apontamentos históricos sobre o tratado de eclesiologia; o segundo destaca os conceitos fundamentais da Igreja; o terceiro ocupa-se da relação entre Jesus e a Igreja; o quarto apresenta a Igreja edificada pelos sacramentos; o quinto destaca as dimensões da Igreja e, por fim, o capítulo sexto fundamenta a Igreja radicada na missão.

1. Nota histórica sobre o Tratado de Eclesiologia

Nos apontamentos históricos acerca da eclesiologia, Pié-Ninot apresenta um esboço do desenvolvimento da "consciência



eclesiológica” ao longo dos séculos. No período patrístico, a eclesiologia é muito mais consciência da *Ecclesia Mater* do que uma teologia sistemática. A partir do século XII, com a reforma gregoriana, a Igreja é vista como *corpus* – corporação, cabeça e membros. Nas sumas medievais destaca-se S. Tomás e o *Credere Ecclesiam*: crê-se em Deus e na Igreja. O Concílio de Trento pôde afirmar então: “Professamos crer a santa Igreja, e não na santa Igreja”. Nos tratados apologeticos do século XVI desvinculam-se do catolicismo o protestantismo e o anglicanismo, o que propicia o aparecimento de três vias para a tipificação eclesiológica de então: a via histórica, a *via notarum* e a via empírica.

O Concílio Vaticano I define a infalibilidade papal e seu primado de jurisdição, na constituição *Pastor Aeternus*; na constituição *Dei Filius* afirma a importância da Igreja como revelação concreta. O enfoque eclesiológico do Concílio Vaticano II, por sua vez, opta por uma mudança decisiva: passa-se de uma concepção que via a Igreja como *societas* a uma concepção mais bíblica, de raiz litúrgica, atenta a uma visão missionária, ecumênica e histórica, desde um conceito renovado de “comunhão”. Depois desta contextualização, Pié-Ninot lembra K. Rahner, o qual adverte que o católico moderno vive a consciência da Igreja do Vaticano I – seu acento se apóia na Igreja como motivo empírico de credibilidade, e não na Igreja como objeto em si, de fé.

2. A Igreja: conceitos fundamentais

Neste segundo momento Pié-Ninot propõe a compreensão da Igreja a partir de sete conceitos fundamentais. A Igreja é vista como *sacramento*: cristologicamente, o Vaticano II vê a Igreja como uma “notável analogia” com o mistério da Encarnação de Deus, pois assim como o Verbo encarnado atua através da natureza humana, de maneira semelhante o Espírito de Cristo age através da estrutura visível da Igreja (LG 8); escatologicamente, a Igreja é “o reino já presente em mistério” (LG 3), e é o “povo messiânico”, um germe seguro de unidade, de esperança e de salvação (LG 9). Esta dupla perspectiva expressa a dupla dimensão da Igreja – humana e divina. A Igreja como *comunhão* traduz-se na comunhão com Deus, através da Palavra e dos sacramentos, condição para a reta relação entre unidade e pluriformidade no próprio seio eclesial. A Igreja como *Povo de Deus* supera a visão hierarquizante, para dizer que todos os batizados formam o Povo de Deus – “ícone da Trindade” (LG 4).

A Igreja como *Corpo de Cristo* é a visão presente na encíclica *Mystici Corporis*, de Pio XII, 1943, a qual acentua a estrutura humano-divina da Igreja, e que LG 3 sublinha numa concepção eucarística. Como *tradição viva*, a Igreja constitui o vínculo de continuidade entre a comunidade apostólica e as gerações



seguintes até o fim dos tempos. Os bispos desempenham esta missão como “doutores autorizados”, que atualizam a tradição *hic et nunc*. Enquanto *sociedade*, a Igreja, outrossim, apresenta a dimensão da historicidade, entrando na história da humanidade (LG 9). Note-se que, para estar incorporado “plenamente à sociedade da Igreja”, é preciso uma incorporação “com o corpo” e também “com o coração” (LG 14b). Por fim, a Igreja como *instituição* tem a finalidade de ser sinal identificador, integrador e libertador do Espírito. Pié-Ninot propugna a necessidade de que a instituição eclesial atualize e medie a salvação de Cristo a todos os seres humanos, manifestando-se como “sacramento universal de salvação” (LG 48).

3. De Jesus à Igreja

Com a análise da relação entre Jesus e a Igreja, o autor trata de uma questão que ainda é considerada controvertida por muitos estudiosos. Pié-Ninot apresenta a síntese histórica da problemática. No Novo Testamento, a Igreja aparece com traços germinais e pluriformes; na época patrística o tema converter-se-á num enfoque teológico de sua fundamentação; no período seguinte, oriundo da hierarquia eclesiástica, aparece o conceito de *ius divinum*, como garantia da fidelidade histórica e fundacional da Igreja e suas instituições; o Vaticano I declara que “Cristo decidiu edificar a santa Igreja”; já o Vaticano II, em LG 2-5, expressa uma visão processual da instituição da Igreja.

Pié-Ninot destaca, evidentemente, a eclesiologia explicitada pelo Vaticano II e pela Comissão Teológica Internacional, em 1985-86. Em LG 2 lê-se que o eterno Pai “estabeleceu congregar na santa Igreja os que crêem em Cristo. Desde a origem do mundo, a Igreja foi prefigurada. Foi admiravelmente preparada na história do povo de Israel e na antiga aliança. Foi fundada nos últimos tempos. Foi manifestada pela efusão do Espírito Santo e no fim dos tempos será gloriosamente consumada”. Neste sentido, a fundação da Igreja é vista como o devir de sua própria identidade no interior da história da revelação. Ou, conforme afirma a CTI em 1986, é necessário reconhecer que Jesus quis fundar a Igreja, desde uma “eclesiologia implícita”. “Cristo tinha consciência de sua missão salvífica. Esta comportava a fundação de sua ‘Igreja’”.

4. A Igreja edificada pelos sacramentos

A questão dos sacramentos é apresentada pelo autor em três momentos. Num primeiro momento, a interpretação sobre a edificação da Igreja segue a explicação patrística de Jo 19, 34: a Igreja surge da água (batismo) e do sangue (eucaristia), compreensão que permeou os séculos, até o Vaticano II. Num segundo momento, quanto à condição sacramental dos cristãos, esta pode ser



exercida por meio do sacerdócio comum ou do sacerdócio ministerial. O sacerdócio comum é peculiar aos leigos, sendo que a presença destes no mundo possibilita a atuação do Espírito de Cristo com o escopo de testemunhar a justiça, a caridade e a paz. Em igual teor, os leigos são vistos como “sujeitos” de sua missão, com pleno direito na comunidade eclesial. Na dimensão do sacerdócio ministerial, pelo poder sagrado de que é investido, este configura e dirige o povo sacerdotal, realizando como representante de Cristo o sacrifício eucarístico e oferecendo-o a Deus em nome de todo o povo. Ao episcopado pertence a plenitude do sacerdócio, enquanto os presbíteros, como colaboradores do bispo, exercem seu ministério para proclamar a salvação para todo o mundo.

Num terceiro momento apresenta-se a condição da vida religiosa. LG 44 afirma que “o estado de vida que professa os conselhos evangélicos, ainda que não pertença à estrutura eclesial da Igreja, pertence, contudo, à sua vida e santidade”. Os carismas religiosos, fundamentados na eclesiologia da comunhão, aparecem não só como estrutura *na* Igreja, mas também *da* Igreja.

5. As dimensões da Igreja

A Igreja possui quatro dimensões ou “notas” (*via notarum*) que a especificam e revelam sua íntima relação com o mistério de Cristo. Estas dimensões são apontadas pelo Vaticano II: UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA. Introduzindo a explanação Pié-Ninot cita LG 8: “Esta Igreja, constituída e ordenada neste mundo como uma sociedade, subsiste (*subsistit*) na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele”. O autor destaca o termo latino “*subsistit*” para dizer que o mistério da Igreja está presente e se revela na comunhão concreta que é a Igreja católica, e que a Igreja é única e aqui na terra está presente na Igreja católica, embora se encontrem elementos eclesiais fora dela.

Vista como “ícone da Trindade”, a Igreja é UNA porque Deus é único em si mesmo. Esta unidade consumar-se-á escatologicamente, pois o povo de Deus, peregrino na terra, vive a condição dialética do “já-ainda não”. A unidade expressa-se na profissão de fé, nos sacramentos e na vida social/comunitária. A Igreja é SANTA. Como Israel, os cristãos são “uma nação santa”. O Vaticano II chama-a “indefectivelmente santa”; estando na terra, caracteriza-se por uma verdadeira santidade, ainda que todavia imperfeita (LG 48), buscando constantemente a conversão e a renovação (LG 8).

A Igreja é CATÓLICA, expressão usada pela primeira vez por Inácio de Antioquia, com o sentido de universalidade e de autenticidade. O Vaticano II confirma esta compreensão, na qual todos os homens e mulheres são chamados à unidade católica do povo de Deus; de diversas maneiras a ela pertencem ou estão ordenados, quer os fiéis católicos, quer os outros crentes



em Cristo, quer enfim todos os seres humanos em geral. Na perspectiva da catolicidade e das Igrejas locais, LG 23 sublinha que a comunhão revela-se plena (católica) na medida em que a Igreja local existe, não a título de uma realidade autônoma, senão como uma realidade em que a totalidade (catolicidade) das Igrejas locais está presente nela graças à mediação da Igreja universal.

Fundamenta-se no Novo Testamento a afirmação de que a Igreja é APOSTÓLICA. É lícito afirmar que é a Igreja inteira que sucede ao colégio apostólico, porém, os apóstolos receberam um encargo especial. Reconhecendo a importância desta questão, o autor sublinha os seguintes aspectos: a Igreja é a dilatação do primeiro núcleo apostólico e de sua missão; a comunidade sentiu a necessidade de continuar na “catolicidade”, escolhendo os bispos como sucessores dos apóstolos; progressivamente configura-se o tríplice grau do ministério eclesial (bispos, presbíteros e diáconos); a sucessão episcopal é a garantia de que a Igreja se mantém na tradição apostólica.

6. A Igreja radicada na missão

Como último aspecto de sua explanação, o autor apresenta os documentos eclesiais que expressam a missão da Igreja nos tempos atuais. Do Vaticano II merece destaque a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, a qual sublinha a expressão “sinais dos tempos” como ponto de referência para o diálogo com o mundo, interpretando-os à luz do Evangelho. No decreto conciliar *Ad gentes* lê-se que “a atividade missionária é a manifestação, epifania e realização do plano de Deus no mundo e na história...”. Paulo VI, posteriormente, na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, fala de um novo conceito de evangelização, da relação entre evangelização e promoção ou libertação humana, do tema da Igreja local, da união entre Espírito e evangelização. João Paulo II, na encíclica *Redemptoris Missio*, ratifica as afirmações anteriores, salientando a “atividade propriamente missionária” que se dirige aos povos e comunidades onde Cristo e seu Evangelho não são conhecidos.

Como conclusão, Pié-Ninot afirma que “a Igreja, na Palavra de Deus, celebra os mistérios de Cristo para a salvação do mundo”. Em seguida apresenta os eixos de sustentação da missão eclesial, formulados no sínodo extraordinário dos bispos, em 1985, que são os seguintes: o eixo cristológico, o eixo antropológico, o eixo dialogal e o eixo diaconal.

Na concepção deste leitor, os conceitos de Pié-Ninot, em sua *Introdução à Eclesiologia*, são imprescindíveis para o conhecimento dos princípios e fundamentos essenciais da eclesiologia católica. A partir desses princípios é que se podem perceber as possíveis contradições no interior da Igreja, ao longo de sua história. A eclesiologia do Concílio Vaticano II aponta os caminhos



para a superação das incoerências, precipuamente quando se fala de categorias como “Povo de Deus”, “abertura eclesial”, “diálogo inter-religioso”, que vêm suplantar reflexões e práticas que ainda insistem no “hierarquismo”, no “autoritarismo”, no “fechamento intra-religioso”. A Igreja é mistério, revelação de Deus Trindade na história concreta dos seres humanos. À imagem de Deus, a Igreja deve ser espaço de comunhão, pelo seu laço com o Pai, o Filho e o Espírito, mostrando sua dimensão “divina”. Ao mesmo tempo, feita de homens e mulheres, a Igreja, em sua dimensão “humana”, é permeada de conflitos e limitações e, por isso mesmo, chamada à contínua conversão. Viver estas dimensões da Igreja implica, indubitavelmente, optar por uma eclesiologia de comunhão e abertura, na vertente dos mais empobrecidos, sendo “sacramento universal de salvação”.

Marcos Antônio Costa

Estudante do II Ano do Curso de Teologia do ITESC.

Endereço do Recensor:

ITESC – Cx. Postal 5041
88040-970 Florianópolis – SC
e-mail: mar.costa@zaz.com.br

A FACE MUTANTE DO SACERDÓCIO

Reflexão sobre a crise de alma do sacerdócio

Donald B. Cozzens

Edições Loyola, São Paulo, 2002, 192 pp. 14 x 31 cm.

Trata-se de um livro que chega em momento oportuno, sobretudo, por causa do circo da mídia em torno de escândalos sexuais envolvendo padres, particularmente dos Estados Unidos. Segundo alguns, o livro de Donald Cozzens reproduz a crise dos padres americanos. Se isso for verdade, até que ponto não estaria também oferecendo indicadores para o nosso clero? É possível que a Igreja nos Estados Unidos não tenha investido adequadamente na formação de seus padres e por conta disso esteja agora colhendo frutos amargos. Neste sentido, o livro deixa, certamente, bispos e formadores brasileiros com a pulga atrás da orelha.

Por outro lado, há críticos americanos que afirmam que o livro de Cozzens é uma decepção. Pior, é uma fraude, porque repete o que virtualmente todos os bispos e padres já sabem sobre as limitações humanas do sacerdócio. Segundo esses críticos, o livro não oferece nenhuma novidade e sequer uma única solução. Para esses, Cozzens revela reais preconceitos sobre a vida dos padres, limitando-se exclusivamente às idéias dos clérigos e dos leigos liberais que ele cita no livro.

Diga-se, de passagem, que o autor é padre. E escreve com o peso da autoridade de quem é reitor e professor de teologia pastoral no Saint Mary Seminary e na Graduate School of Theology em Cleveland. Pe. Donald Cozzens também é editor do famoso livro *The Spirituality of the Diocesan Priest* (The Liturgical Press, 1997) e editor associado do Emmanuel Magazine.

Em alguns momentos, o autor chega a descrever com detalhes o perfil comportamental de padres que cultivam determinada crise ou tendência sexual. Assim, alguns padres e seminaristas ficarão perturbados com o que lerão, outros se sentirão ameaçados, intimidados. Não é de se estranhar tais reações. Elas são fatais quando uma abordagem dessa categoria inclui uma análise espiritual e psicosssexual do padre da denominada pós-modernidade. Por outro lado, as duras realidades sobre as quais o livro se debruça – parte da condição humana – apontam para desafios a serem superados em prol da formação permanente e da qualidade humano-afetiva dos futuros presbíteros.

A crise de identidade do padre é assunto que volta sempre. Donald Cozzens, em *A face mutante do sacerdócio* – reflexão sobre a crise de alma do sacerdócio – coloca o dedo na ferida amparado em dados clínicos, documentos



eclesiais, pesquisa teológica e em sua própria experiência pastoral. Se por um lado Cozzens põe o dedo na ferida, por outro, não deixa de oferecer remédios e de acenar com esperança para o sacerdócio do século XXI.

“O que está faltando para muitos sacerdotes, acredito eu, é a experiência da união, da intimidade de uma comunhão santa com alguns bons amigos. Por si só, sem uma profunda e autêntica amizade humana, a intimidade com Deus experimentada na oração, nos sacramentos e nas práticas devocionais, deixa o espírito ligeiramente fora de equilíbrio. Com o passar do tempo, alguns vêm a compreender que seu amor por Deus é de fato aprofundado e fortalecido por amizades celibatárias e íntimas com outros – amigos que vão além de seu amor ministerial pelo paroquianos como paroquianos” (p.47).

Nosso autor também tem a coragem de relacionar a crise no sacerdócio com a crise intelectual do clero, com a crise de autoridade, do homossexualismo e da própria vocação.

Enfim, Donald Cozzens deixa transparecer que o estado atual do sacerdócio reflete todas as ambigüidades, todo o heroísmo e fidelidade, toda a covardia e fraqueza presentes ao longo da história da Igreja. O ministério presbiteral continua sendo um sacerdócio humano ungido pela graça de Deus e redimido pelo mistério pascal de Cristo. Centra a reflexão na vida interior do padre, examinando os mecanismos conscientes e inconscientes de sua alma. Em sua maior parte, é um olhar que contempla os vários componentes que forjam os presbíteros e interferem em seu processo formativo - estrutura pessoal, familiar social e eclesial.

Domingos Volney Nandi

Mestre em Comunicação e Professor no ITESC

Endereço do recensor:

ITESC – Cx.Postal 5041
88040-970 – Florianópolis – SC

DOMINGÃO DO CRISTÃO

Estratégias de comunicação da Igreja Católica

Arlindo Pereira Dias

Editora Salesiana, São Paulo, 2001, 200 páginas, 14 x 21 cm

Domingão do Cristão é um livro polêmico. Trata-se de uma abordagem crítica sobre a presença do movimento religioso Renovação Carismática Católica em canais de televisão. O autor, em sua pesquisa, analisa o programa “Louvemos ao Senhor”, da Rede Vida de Televisão e o compara com dois outros programas semanais de auditório: “Domingão do Faustão”, da Rede Globo, e “Domingo Legal”, do SBT. Com este procedimento comparativo o autor reconstrói as estratégias utilizadas em busca de uma comunicação de massa, ao mesmo tempo revelando como os carismáticos agitam as políticas de comunicação católica.

Enquanto Arlindo Dias aprofunda o estudo do programa “Louvemos ao Senhor”, criado como alternativa sadia e familiar em relação aos “espaços profanos e mundanos das redes comerciais”, ele reconstrói o percurso da Igreja Católica na busca de estratégias comunicacionais massivas. Isto significa inserir tal ofensiva no quadro competitivo que lhe foi imposto pelas Igrejas evangélicas modernas, também chamadas de “igrejas eletrônicas”, ou seja, aquelas que erigiram seus púlpitos nos microfones da radiodifusão ou nas antenas de televisão.

O livro

A obra de Arlindo Dias é o resultado de um amplo trabalho de pesquisa que resultou em um texto ao mesmo tempo denso e acessível, que traça um contundente panorama das estratégias de comunicação da Igreja Católica no Brasil, a qual, segundo o autor, “ainda está correndo atrás do prejuízo e da perda de fiéis”.

O autor

Arlindo Pereira Dias – que é Presbítero da Congregação do Verbo Divino, da qual é provincial na Província Brasil-Centro – se propôs contar a epopéia dos bispos no Brasil para inserir-se na cultura midiática. A sensibilidade para o tema ele teve na convivência com os pobres, em especial no seu trabalho pastoral na Rede Rua de Comunicação, onde confrontou o discurso hermético dos padres, o discurso eclético dos leigos e o discurso cético dos marginalizados. Arlindo Pereira Dias concluiu sua dissertação de mestrado no ano passado na



Universidade Metodista de São Paulo. Sua pesquisa resultou nesta obra intitulada “Domingão do Cristão”.

A polêmica

Domingão do Cristão é uma abordagem direta que confronta Carismáticos e progressistas. Pela primeira vez são apresentadas, com transparência, as divergências entre duas correntes católicas, a dos carismáticos (nome genérico originado no movimento leigo Renovação Carismática Católica) e a dos progressistas (corrente também conhecida como da Teologia da Libertação). O que sempre foi escondido agora é escancarado, através de políticas comunicacionais que extrapolam o universo propriamente midiático para inserir-se no âmbito da instituição eclesial ou da própria concepção de sociedade.

Na verdade, trata-se de dois grupos que lutam pela hegemonia da comunicação eclesial católica, uma disputa muito bem explicada e documentada em **Domingão do cristão**. Arlindo Dias sugere, com muita sutileza, que a “batalha” entre os praticantes do chamado “marketing católico” e os da “teoria crítica da comunicação” fazem uma “guerra fora de lugar”. Basta um olhar, ainda que rápido, nos programas de Faustão e Gugu, que dominam a televisão nas tardes de domingo, para entender a natureza peculiar da comunicação e da sociedade da informação. Afinal, que tipo de Domingão é oferecido ao brasileiro? E que tipo de Domingão merece o cristão?

Domingos Volney Nandi

Mestre em Comunicação e Professor no ITESC

Endereço do recensor:

ITESC – Cx.Postal 5041
88040-970 – Florianópolis – SC



OS SONHOS NO CAMINHO ESPIRITUAL

Anselm Grün OSB

Lyra Editorial, Curitiba-PR, 2002, 88 pp. 15 x 21 cm.

O autor

Anselm Grün, é monge beneditino da Abadia de Münsterschwarzach (Alemanha), com numerosos escritos traduzidos em várias línguas. Dada sua inegável competência e seu conhecimento profundo em psicologia e religião, é um dos maiores mestres de espiritualidade de nossos dias.

A obra

O livro foi traduzido do italiano, *I Sogni nel Cammino Spirituale* por Sonia Lyra, e revisado do alemão original: *Träume auf dem Geistlichen Weg*.

Trata-se de um verdadeiro tesouro que fascinará o leitor no sentido de levar a sério seus sonhos e integrá-los na vida espiritual. Difere da literatura psicológica sobre os sonhos justamente porque se direciona para a dimensão espiritual. O autor coloca em pauta que nossos pensamentos e sentimentos, nosso corpo e nossos sonhos, são lugares onde Deus nos encontra e nos fala. “Deus nos fala na sua palavra, transmitida a nós pela Sagrada Escritura. Porém, Ele fala, sobretudo através de nós mesmos”, diz o autor.

Longe do autor a idéia de cultuar os próprios sonhos, de fugir da realidade concreta que nos interpela, ou de reduzir a vida espiritual à psicologia. Para ele, o sonho é um lugar de encontro com Deus, entre muitos outros. Deve ser confrontado com a Bíblia e com a cotidianidade, para verdadeiramente funcionar como uma mediação para o encontro com Deus, com os irmãos e consigo mesmo. Nessa perspectiva, Anselm Grün chama em causa a rica tradição espiritual da Igreja que preza por uma espiritualidade integral e integradora.

A obra está dividida em quatro capítulos: O Sonho na Bíblia, O sonho na tradição espiritual, Interpretação Psicológica e espiritual dos Sonhos, e Regras para a aproximação espiritual dos sonhos.

Destinatários

Os destinatários privilegiados deste livro são os diretores espirituais. Contudo, é uma obra aberta para todos os que desejarem crescer na espiritualidade cristã. Os leitores desfrutarão melhor dos conteúdos da referida obra, na medida em que forem conhecedores de Bíblia e de Psicologia.



O estilo

O estilo é cativante pela própria temática e pela sua implicação de ordem prática. A leitura, além de agradável, desperta uma louca vontade de dormir só para desfrutar das riquezas da comunicação de Deus através dos sonhos. Seguramente, após a leitura desse livro, você não irá mais sonhar do mesmo jeito. E se você não recorda os sonhos, não se preocupe, o autor irá lhe ajudar a fazê-lo.

Domingos Volney Nandi

Mestre em Comunicação e Professor no ITESC

Endereço do recensor:

ITESC – Cx.Postal 5041
88040-970 – Florianópolis – SC



BELLUM (IN NOMINE) DOMINI

“Em nome de Deus” – de Karen Armstrong

Companhia das Letras, 2001. 490 pp. 16 x 23 cm.

A biografia da freira inglesa Karen Armstrong poderia estar fazendo eco somente nas muralhas do convento da Irmandade do Sagrado Menino Jesus, em Londres, se, depois de sete anos, a religiosa não tivesse decidido substituir as preces monásticas por discursos mais fortes e mais politizados.

Liberta das amarras de uma ordem religiosa, Karen Armstrong resolveu percorrer veredas mais atritadas para mergulhar fundo nos descaminhos do protestantismo norte-americano, do judaísmo e do islamismo.

Como a ex-freira, agora professora no Leo Baeck College for the Study of Judaism and the Training of Rabbis and Teachers, é membro honorário da Association of Muslim Social Sciences, há dois anos, o Islamic Center of Southern California prestou-lhe homenagem pelo fato de promover o entendimento entre as três religiões monoteístas. Na sua nova profissão, a freira vem demonstrando um vasto conhecimento e uma ousada coragem para aventurar-se em uma evangelização polirreligiosa e interconfessional que, certamente, o parlatório do convento não lhe teria permitido.

Ao lado das suas atividades no magistério, Karen Armstrong escreveu os livros *Uma história de Deus*, 1994; *Jerusalém, uma cidade de três religiões*, 2000; *Em nome de Deus*, 2000 e *Maomé. Uma biografia do profeta*, 2002. Os quatro livros já estão publicados em tradução brasileira.

Por ocasião da XVII Bienal do Livro de S. Paulo, fins de abril – começos de maio de 2002 –, a autora esteve em S. Paulo para o lançamento da biografia de Maomé, ocasião em que deitou entrevista pela imprensa:

- “Podemos aprender com Maomé a alcançar a paz, pois sua primeira prioridade era eliminar o ódio e o desprezo entre os povos. É preciso, portanto, desvincular a ideologia fundamentalista de Bin Laden da carreira política de Maomé”.

O livro

O fundamentalismo no Judaísmo, no cristianismo protestante e no islamismo, é o tema central do livro “*The battle for God*”, no Brasil, mal traduzido para “Em nome de Deus”.

O gorducho volume de 490 páginas, na sua estrutura, deixa transparecer uma evidente paráfrase com a Bíblia, já que o texto se distribui em duas partes-

a primeira das quais leva por título “O velho e o novo mundo”, ficando “O fundamentalismo” como título para a segunda parte. Os dois pedaços estão sedimentados em 10 capítulos, o que, de imediato, faz lembrar os 10 mandamentos da lei mosaica.

As primeiras oito páginas da “Apresentação” estampam a vitrina dos ângulos do tema que abarcará a vida e a obra dos fundamentalismos religiosos monoteístas a partir de 1492 até os dias de hoje.

Para a Autora, o fundamentalismo dentro das três grandes tradições religiosas é “um dos fatos mais alarmantes do século XX”, já que os crentes islâmicos fuzilam devotos dentro de mesquitas; o fundamentalismo cristão mata médicos e enfermeiras que trabalham nas clínicas de aborto. Faltou dizer que o fundamentalismo judaico bombardeia igrejas cristãs para caçar supostos terroristas da outra religião palestina.

Ainda, segundo a mesma “Apresentação”, e o que é mais grave, o fundamentalismo religioso é hoje “parte essencial da vida moderna e certamente influirá nas questões nacionais e internacionais do futuro”, (p. 10), ao combater forças que ameaçam os seus valores mais sagrados.

O mythos e o logos

O dínamo azeitado dessa “*battle por God*” – guerra de fiéis crentes pela causa de Deus – é a confusão que as três religiões movimentam entre dois modos de pensar, de fazer e de adquirir conhecimentos, ou seja, entre o mythos e o logos.

O *mythos*, para o livro, e uma saber-crença porque remonta às origens da vida, aos fundamentos da cultura, aos níveis mais profundos da mente humana. O mito de uma sociedade proporciona-lhe um contexto que dá sentido ao cotidiano e não comporta uma demonstração racional. Sua apreensão é coletiva e mais intuitiva do que racional. O mito se torna realidade quando incorporado a um culto, a rituais e a cerimônias que causam impacto sobre os devotos.

Enquanto isso, o *logos* é o pensamento racional, prático e científico. E, ao contrário do mito, precisa estar amarrado a fatos e a realidades externas.

Em resumo: o fundamentalismo islâmico derrubou as duas torres por ordem do mythos-Deus e os Estados Unidos bombardearam o Afeganistão por ordem do logos-Bush.

“O logos é prático. Ao contrário do mito, voltado para as origens, o logos avança e tenta encontrar algo novo: explorar velhas percepções, adquirir maior controle sobre o meio que nos cerca, descobrir e inventar novidades” (p. 15).

Pronto. Estão explicadas a fonte e a dinâmica do fundamentalismo: é o mythos tentando afogar o logos e, pelo jeito, está conseguindo!

Três religiões, um problema

Decidido a descrever a guerra entre o mythos e o logos, o livro abre com uma data emblemática, 1492, quando ocorreram três acontecimentos que abalaram a Europa Ocidental e as três religiões monoteístas: a expulsão dos muçulmanos da Espanha, com a queda de Granada; a expulsão dos judeus, também da Espanha, e o início da expansão do cristianismo além-Europa, com a descoberta da América.

Com o êxito da viagem de Colombo, a Europa entra na Grande Transformação Ocidental, a chamada Era Moderna que abre o Novo Mundo do logos e do racionalismo científico em oposição ao Velho Mundo clássico e medieval do mythos.

“O Velho Mundo desaparecera e o Novo era tão estranho, que ambientes familiares se tornavam irreconhecíveis e a vida perdia sentido” (p. 27).

Essa perda de rumo, obrigou o crente a inventar novas formas de fé para que suas velhas tradições se adequassem às circunstâncias radicalmente modificadas. E a represa, tão bem protegida desde as origens pelo rabino, pelo sacerdote cristão ou pelo imame islâmico, começou a verter água, primeiro em pequenos jatos e, depois, aos borbotões, para se transformar em movimentos rebeldes que os fundamentalistas precisam sufocar, não importa preço e nem quantidade de vidas afogadas.

Nesse desespero, quase sempre armado, entre o Bem e o Bem-Maior, a partir do século XIX começaram os esforços para a criação de espiritualidades sem Deus e até sem o sobrenatural, isto porque “pessoas totalmente modernizadas não podiam ser religiosas à maneira antiga” (p. 197).

Alguns inovadores vão tão longe! Só para ficar no cristianismo protestante, em 1909, um professor da Harvard University, no texto “O futuro da religião”, prega a existência de apenas um mandamento: o amor a Deus, expresso no serviço concreto prestado ao próximo, abolidas as escrituras, as igrejas, a teologia, o culto. E nos anos 60, o islamismo entra com a teologia da raiva, cujas vítimas maiores foram, neste início de milênio, as duas famosas torres de Nova Iorque, templos erguidos em honra ao deus-Dóllar. E o que dizer das centenas de civis islâmicos esfaqueados pelos tanques de mr. Sharon, ao lado dos homens-bomba e suas dezenas de vítimas!

Derrota?

O último capítulo do livro, intitulado “Derrota?”, analisa os anos oitenta e noventa do século passado. No texto, a Autora defende a idéia de que “os fundamentalistas tiraram a religião das sombras e mostraram que ela podia atrair uma imensa parcela da sociedade moderna” (p. 353). A divisão entre



religiosos e secularistas está se acentuando cada vez mais. “De um ponto de vista puramente racional o fundamentalismo foi um desastre - o que não surpreende, pois ele constituiu uma rebelião contra o que os fundamentalistas consideravam a hegemonia ilegítima do racionalismo científico” (p.353).

Na opinião de Karen Armstrong, hoje a religião não desapareceu. Ao contrário, em alguns círculos ela se tornou militante como nunca. E, por isso, os fundamentalistas judeus, cristãos e muçulmanos reagem, até com violência, às tentativas de individualizar a religião.

É por isso que o fundamentalismo se tornou o prato do nosso dia-a-dia e representa uma angústia. uma raiva generalizada que “nenhum governo pode ignorar sem correr risco” (p. 402).

Depois de 500 anos de escaramuças in nomine Domini, e depois de 400 páginas de texto, Karen Armstrong chega a três conclusões que envolvem todos os que (ainda) temos fé:

- Não podemos ser religiosos como nossos ancestrais no mundo conservador pré-moderno, quando os mitos e os rituais da fé ajudavam os devotos a se aguentarem dentro da represa.
- Por mais que procuremos abraçar a religião convencional, tendemos a desejar uma verdade factual, histórica e empírica.
- Muitos de nós estamos convencidos de que uma fé levada a sério precisa ter a prova de que seus mitos são históricos e são capazes de funcionar na prática com toda a eficiência que a modernidade espera.

Ao sair do livro, o leitor sente-se tomado por uma atmosfera mista de aplauso e de decepção.

De aplauso, pela seriedade e pelo prazer com que a Autora mergulha nas fontes – 947 anotações e 495 livros consultados (embora a quase unanimidade esteja publicada em língua inglesa e nos últimos 40 anos).

As decepções se concentram em torno de duas perguntas :

- Como elaborar uma história de 500 anos, sobre três religiões, tendo como apoio uma bibliografia recente e publicada apenas na língua materna da pesquisadora?
- Por que a Autora selecionou os protestantes norte-americanos para representar o fundamentalismo cristão, deixando de lado o catolicismo que, nesses últimos 500 anos, viu-se obrigado a conviver com toda a espécie de mythos e logoi brotados de inúmeras fontes nem sempre as mais claras?

Celestino Sachet

Doutor em Letras, Ex-Reitor da UDESC,
Professor de Latim no ITESC



“LENDO AS ESCRITURAS COM OS PAIS DA IGREJA”

Christopher A. Hall, Edit. Ultimato, 2000, 207 pp.

Aí está um livro benvindo aos nossos Seminários e Cursos de Teologia, pondo-nos em contacto com a exegese patrística, isto é, com a leitura que da Bíblia fizeram os *Pais da Igreja* em seu tempo. Antes de tudo, um elogio ao uso consistente que o tradutor brasileiro faz do substantivo “Pais” em vez de “Padres”: se já faz tempo que o “Padre nosso” ficou “Pai nosso”, não se vê por que os “Padres da Igreja” não se tornam o que eles de fato são, pela autoridade da sua doutrina, “Pais” de nossa Fé, verdadeiramente “Pais” da Igreja. A propósito, penso que seria melhor escrever “Pais” com maiúscula, quando a palavra tem esta conotação de referência aos antigos.

O “Prefácio à edição brasileira” (pp.9-11) justifica a tradução do livro, cujo original é dos Estados Unidos, de 1998, aqui impresso na Editora evangélica “Ultimato”, de Viçosa, MG. O prefaciador antecipa-se à objeção que seus irmãos evangélicos fariam de que os séculos que precederam a Reforma seriam, todos eles, minados pelos desvios do Evangelho... e nesse sentido não haveria razão para retornar a esses antigos Pais. Assim, ele alerta contra a “incapacidade de reconhecer a ação do Espírito Santo na igreja de Cristo em quase 15 séculos”, e convida seus leitores a redescobrirem as riquezas da exegese patrística, brotada, toda ela, de uma atitude sincera de fé e contemplação.

O próprio autor, no seu prefácio (pp.13-15), justifica a escolha, por ele feita, de apresentar a exegese de apenas oito Pais: quatro do Oriente – Atanásio, Gregório de Nazianzo, Basílio o Grande, e Crisóstomo, e quatro do Ocidente – Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório Magno. Antes, porém, de apresentá-los, dedica um capítulo a responder à pergunta: “Por que ler os Pais?” (pp.17-24). A seguir, reflete sobre “A mente moderna e a interpretação bíblica” (pp.25-45) e responde ainda à pergunta: “Quem são os Pais?” (pp.46-57). Nesse capítulo, um interessante subtítulo estuda as “Mães” da Igreja (pp. 46-51).

Depois de abordar os oito Pais já mencionados (pp.58-125), o autor dedica um capítulo à Exegese em Alexandria, onde destaca, evidentemente, Orígenes (pp.126-146), e outro capítulo à Exegese em Antioquia, cujo maior expoente foi Teodoro de Mopsuéstia (pp.147-165). Segue o capítulo final (pp.166-187), no qual o autor reafirma o sentido, hoje, da exegese patrística. Entre outros motivos, porque uma leitura conjunta dos Pais levaria os vários grupos cristãos – católicos, evangélicos, ortodoxos – a perceberem melhor o que realmente nos une, apesar das diferenças, e nos revelaria o “cristianismo consensual” do qual falava Vicente de Lerins, no século V, “o qual foi professado em toda parte, sempre, por todos” (p. 172). Cito ainda o autor: “Por certo, a comunidade ortodoxa responderia que tem estado lendo os Pais cuidadosamente



por anos e séculos. Mas o que poderia acontecer se cristãos ortodoxos, católicos romanos e protestantes, tentarem ler juntos os textos patrísticos, ouvindo com humildade, juntos, a música que cada grupo tem estado ouvindo os Pais cantar?" (p.173)

Nas pp. 178-184, o autor nos propõe, a partir da exegese patrística, alguns "princípios hermenêuticos" que, insiste ele, os leitores modernos fariam bem em considerar: 1) "*Leia a Bíblia holísticamente*", sem perder de vista que a narrativa bíblica é uma história contínua, do Gênesis ao Apocalipse, o Antigo Testamento continuando no Novo, o Novo não podendo ser entendido sem o Antigo (pp.178-179); "*Leia a Bíblia cristologicamente*", através do prisma da encarnação, morte e ressurreição do Senhor, consciente de que, segundo os Pais, Cristo é a chave que nos abre o Antigo Testamento" (pp.179-181); 3) "*Leia a Bíblia comunitariamente*", dentro do Corpo de Cristo que é a Igreja (pp.181-182); "*Leia a Bíblia dentro do contexto e prática da oração e da vida*", relativizando as preocupações acadêmicas modernas... (pp.182-184).

O autor termina seu livro com um convite. Partindo da sua experiência pessoal – o trabalho de uma tese sobre Crisóstomo – ele convida a entrarmos na Patrística através do estudo da vida e da obra de um dos Pais. Esse encontro pessoal com um deles abrirá insensivelmente as janelas para um mundo desconhecido, inexplorado, mas rico de perspectivas novas, apesar de tão antigas. A propósito, lembro que, na Editora Paulus, de SP, temos já uma preciosa coletânea dos Pais, a col. "Patrística", com mais de 15 títulos publicados, além da anterior col. "Fontes da Catequese", da Vozes, de Petrópolis, com 14 títulos.

Uma palavra, agora, sobre a tradução como tal. As Notas, abundantes, estão relegadas ao final do livro, o que torna difícil a consulta. Por que não imprimi-las no rodapé de cada página? As obras citadas são praticamente todas em inglês, mesmo quando o original é em outra língua, p.ex. em latim ou grego, o que às vezes se torna estranho, p. ex. citar as "Confissões" de Agostinho em inglês – *Confessions* – quando a obra se encontra há tanto tempo traduzida em português! Na p. 104, a informação do autor de que "várias obras de Ambrósio estão disponíveis em tradução inglesa" deveria ter sido adaptada e atualizada pelo tradutor brasileiro, informando ao leitor do que já existe em português: na edit. Vozes, temos "Sacramentos e Mistérios", trad. em 1972, e "A Virgindade", trad. em 1979; e na Paulus temos o vol. 5 da col. "Patrística", com o título geral "Ambrósio de Milão", contendo quatro obras desse "Pai".

De resto, faltou um bom revisor. Na minha leitura, anotei cerca de cento e cinquenta (150!) erratas, cuja listagem iria longe demais. Só a título de exemplo: 1) na p. 18, na quarta linha de baixo para cima, em vez de "sexto" século deve-se ler "décimo sexto"; 2) na p. 47, na terceira alínea, o nome da filha de Paula, uma das discípulas de Jerônimo, é "*Eustóquia*" e não



"Eustochium" (isto, mais vezes no livro); 3) na p. 57, na última alínea, a tradução das duas qualificações latinas dos Pais está prolixa e obscura: *eminens eruditio* é, simplesmente, "erudição notável"; e *expressa Ecclesiae declaratio* é "declaração, ou seja, aprovação, expressa da Igreja"; 4) na p. 110, na primeira citação de Jerônimo: "Que *haverá* depois..." e não "Que *será*..." e falta o ponto de interrogação, interrogação retórica, necessária, no fim do período; 5) na p. 127, na segunda alínea, falta um "não" imprescindível: "Os Pais.. *não* viram o sentido gramático-histórico como..."; 6) na p. 180, na citação de Hilário de Poitiers, leia-se "Depois do *sono* de sua paixão...", não "sonho"; e "pelo *sopro* do Espírito", em vez de "pelo *vôo*"... E assim por diante. No entanto, apesar dessas falhas de revisão na tradução – que deverão ser corrigidas no caso de reimpressão – trata-se de uma obra bem-vinda e necessária em nossas bibliotecas e, também, nas estantes de nossos estudantes.

Pe. Ney Brasil Pereira

Professor de Exegese Bíblica no ITESC

Email: neybrasi@terra.com.br